



## **SOBRE UMA ÁGUIA CHAMADA MUTOLA**

*ABOUT AN EAGLE CALLED MUTOLA*

*SOBRE UN ÁGUILA LLAMADA MUTOLA*

*Sávio Roberto Fonsêca de Freitas<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O objetivo deste estudo é analisar o conto “Mutola”, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. A ficção curta de autoria feminina moçambicana explora várias subjetividades poéticas, uma delas é a figuração simbólica e alegórica de animais que se antropomorfizam para melhor representar as tensões da realidade das mulheres. No conto em tela, a águia surge como uma metáfora para resistência feminina contra o machismo patriarcal moçambicano. As análises empreendidas foram conduzidas pela orientação crítica de CHIZIANE (2013), BOURDIEU (2002), ECKMAN (2011), ZANELLO (2018), entre outras.

**PALAVRAS-CHAVE:** ficção curta, autoria feminina, antropomorfização, Paulina Chiziane.

### **ABSTRACT**

The purpose of this study is to analyze the short story “Mutola”, by Mozambican writer Paulina Chiziane. The short fiction by Mozambican female authors explores several poetic subjectivities, one of which is the symbolic and allegorical figuration of animals that anthropomorphize themselves to better represent the tensions of women’s reality. In the short story, the eagle appears as a metaphor for female resistance against Mozambican patriarchal machismo. The analyzes undertaken were conducted by the critical orientation of (CHIZIANE: 2013, p. 12), (BOURDIEU: 2002, p.10), (ECKMAN, 2011, p.31), (ZANELLO, 2018, p.177) among others.

**KEYWORDS:** short fiction, female authorship, Anthropomorphization, Paulina Chiziane.

### **RESUMEN**

El objetivo de este estudio es analizar el cuento “Mutola”, de la escritora mozambiqueña Paulina Chiziane. La ficción corta de autoras mozambiqueñas explora varias subjetividades poéticas, una de las cuales es la figuración simbólica y alegórica de animales que se antropomorfizan para mejor representar las tensiones de la realidad de las mujeres. En el cuento, el águila aparece como una metáfora de la resistencia femenina contra el machismo patriarcal de Mozambique. Los análisis realizados tienen la orientación crítica de CHIZIANE (2013), BOURDIEU (2002), ECKMAN (2011), ZANELLO (2018), entre otros.

**PALABRAS-CLAVE:** ficción corta, escritura femenina, antropomorfismo, Paulina Chiziane.

---

<sup>1</sup> Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do Centro de Ciências Aplicadas à Educação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.



## Primeiras colocações



Figura 1: Maria de Lurdes Mutola

Fonte: <https://www.flmutola.org.mz/index.php/galeria?97>

De família humilde, filha de um operário e de uma doméstica, Maria de Lurdes Mutola<sup>2</sup> nasceu no bairro de Chamanculo, em Maputo, em 27 de Outubro de 1972. É reconhecida por sua nação como a menina de ouro. Uma atleta premiadíssima que mantém insuperado o recorde africano dos 1000 m em pista coberta e em pista aberta. Desde a infância, Lurdes Mutola é ligada aos esportes, principalmente ao futebol. Desde os 14 anos, buscou no atletismo a superação contra o machismo moçambicano que a impediu de jogar futebol. Em sua carreira como atleta, coleciona muitas vitórias recompensadas com ouro. Criou em 2001 a Fundação Lurdes Mutola, a qual atende a cinco províncias moçambicanas. Um projeto social que alimenta e realiza o sonho de muitas crianças que, como Mutola, acreditam em um caminho de sucesso permitido pelas práticas esportivas.

É nos contando mais esta estória que Paulina Chiziane nos presenteia com o conto *Mutola*, o qual faz parte da coletânea de contos intitulada *As Andorinhas* (2013). Trazer esta mulher transgressora para a ficção é um exercício que comprova mais uma vez o modo como Chiziane exercita e contribui para o projeto de moçambicanidade no sentido de mostrar ao mundo que uma nação só se territorializa identitariamente quando reconhece os grandes feitos de seu povo. Assim como Mutola, Paulina Chiziane se supera quando faz a palavra literária transgredir na medida em que vence as páginas em branco, preenchendo-as com as estórias que migram da sua mente e tomam forma literária:

Ainda hoje a sociedade moderna considera os artistas como seus membros marginais. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar. Nesta sociedade a mulher só pode falar de amor e sexo com outras mulheres e também em segredo. Falar em voz alta é tabu, é imoral, é feio. No meu livro falo da vida, do amor e do sexo.

---

2 As informações aqui expostas foram consultadas no site da Fundação Lurdes Mutola: <https://www.flmutola.org.mz/index.php>

Com minhas mãos accionei uma bomba em minha cabeça. Uma boa parte das pessoas pensa que escrevi o amor porque o pratico em demasia. Outros consideram-me uma pessoa bastante entendida em matéria de amor e de sexo e com vontade de contar experiências. As pessoas evitam minha linguagem e o meu contacto, que consideram nocivo e comprometedor. (CHIZIANE: 2013, p. 12)

O relato de Paulina Chiziane nos mostra como o machismo é nocivo para as mulheres moçambicanas que veem na arte a possibilidade de transgredir as expectativas repressoras do patriarcado. Falar de sexo e de amor sempre será um tabu para o machismo porque a mulher, quando inserida em um território patriarcal, sofre com os estereótipos de uma tradição cultural que a considera inferior ao homem. Quando a escritora menciona que acionou uma bomba na cabeça, fica claro que as crises ideológicas começam a gerar vários conflitos na ordem do pensamento. Quando uma mulher moçambicana escreve, se instaura uma sábia estratégia de guerra intelectual em vários aspectos: a escrita não é só um exercício dos homens; a colonização de gênero sempre desvalorizou o lugar das mulheres; a casa não é só um espaço doméstico, mas um território de constante conflito social; quando o sexo é a pauta de uma discussão, vem à tona toda uma reflexão em torno das relações de gênero; se o amor constitui o interseco para um contrato social de união, tem-se que pensar em uma moçambicanidade monogâmica e poligâmica. Se o discurso é considerado nocivo e comprometedor, certamente atinge um alvo permanente em sociedades colonizadas sob uma ordem eurocentrada: a vaidade biológica dos homens.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU: 2002, p.10)

Esta divisão gerada, baseada na diferença entre os sexos, fica evidenciada até os dias atuais e é como se existisse uma naturalidade ao lidar com isto. Levando em consideração os aspectos físicos pertencentes ao corpo humano, o homem e a mulher, naturalmente, têm suas diferenças, mas o que observamos é como isto toma outras proporções e servem para segregar os dois gêneros para além dos essencialismos.

O homem, que é o que possui o pênis, tem a força e exerce o poder; já a mulher é aquela que possui o útero, sendo a responsável pela procriação, pelo cuidado com a família e com a casa, é considerada mais fraca. O machismo moçambicano faz permanecer esta ideologia patriarcal sinalizada por Bordieu (2002, p.10). Porém, Paulina Chiziane reage, por meio do ofício da escrita, aos machismos repressores.

Sou mulher comprometida com diversas ocupações. Tenho emprego, principal fonte de sustento. Tenho a casa e a família. E tenho o sonho da escrita por realizar. O trabalho da escrita é mais árduo e solitário. Para escrever, é preciso planificar, arquitectar as ideias, investigar, ler e conversar. Como posso eu harmonizar todas estas ocupações? Falta-me tempo para tudo, é verdade. Mas o que devo fazer? Desistir dos meus sonhos? Quando trabalho me aperta e as energias se esgotam, por vezes perco o ânimo, sim. Mas é nesses momentos que sinto uma mensagem dentro do peito, reclamando uma publicação urgente. Também sinto que, quando escrevo, uma nova vida me invade. Viajo embalada na emoção do mundo que construo no pedaço de papel. A escrita consola-me, estimula-me, é a herança mais bela que Deus me legou, não, não posso desistir. (CHIZIANE, 2013, p.13)

Como escritora, Paulina Chiziane mostra uma forma sábia de reagir contra um mundo que a tenta calar. A voz literária é o combustível fortalecedor e movente que a faz caminhar em um mundo construído sob a ordem de uma verossimilhança ficcional astuciosa e subjetiva. Um mundo enigmático dominado pelas mulheres em suas mais diversas possibilidades de memórias introspectivas e denunciadoras de uma insatisfação permanente sobre a conduta dos homens. As narrativas de Chiziane são verdadeiros tratados feministas, uma vez que as personagens criadas por ela possuem um discurso político e reivindicador de um território que só pode ser dominado pelas mulheres, mesmo que seja construído por palavras e emoções.

As palavras são representações das emoções e não as próprias emoções. A emoção é um processo, um tipo específico de avaliação automática, influenciado por nosso passado evolucionista e pessoal, em que sentimos que algo importante para nosso bem estar está acontecendo e um conjunto de mudanças fisiológicas e comportamentos emocionais influenciam a situação. As palavras são uma maneira de lidar com as emoções. (ECKMAN, 2011, p.31)

A representação das emoções é uma estratégia presente em todas as produções literárias de Paulina Chiziane. Concordamos com Paul Eckman (2001, p.31) quando ele mostra a emoção como um processo de avaliação automática, principalmente sendo a palavra, a matéria prima para a construção deste processo. A literatura é um território em que as mulheres moçambicanas avaliam as emoções e também maliciosamente invadem e invertem os valores sociais, mostrando aos homens que elas não são reféns da virilidade machista e do amor eurocentrado.

A coletânea *As andorinhas* (2013) é composta por três contos: “Quem manda aqui?”, “Maundlane, o criador” e “Mutola”, conto que será aqui analisado por tratar de personagem feminina construída sob a ordem das emoções de uma estória real com valores moralizantes para as mulheres moçambicanas. Lourdes Mutola é um exemplo de várias superações para as mulheres moçambicanas, é uma águia de ouro com asas blindadas pelo constante exercício de humanização e aprimoramento social, desvinculado de qualquer repressão de raça, classe e gênero.

## Uma águia chamada Mutola

Para trazer a estória de Mutola ao mundo da ficção, Paulina Chiziane se apropria da técnica da antropomorfização. Mutola é associada a uma águia, ave que voa alto e é soberana sobre suas vontades. A águia vem representar a transgressão feminina de Mutola no que tange ao machismo moçambicano, repressor da evolução das mulheres. Chiziane, mais uma vez, constrói uma narrativa moçambicana orientada pela ancestralidade das estórias contadas em volta da fogueira:

Era uma vez...

Um homem que apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha. (CHIZIANE, 2013, p. 89)

O fragmento acima já nos mostra a marca da oralidade fabular moçambicana do *karingana*. A figura do homem pretencioso se anuncia quando o mesmo, ao tentar mudar a ordem natural, diminui as classes das aves, limitando uma águia a viver em um galinheiro, fazendo-a acreditar ser uma galinha. Águia e galinha surgem como metáforas para o feminino, sendo a águia a representação da transgressão e a galinha a permanência da submissão do feminino. Não se pode também deixar de perceber que esta ordem de gênero aqui exposta também funciona de forma muito sutil como uma crítica direta ao patriarcado. A metáfora bestial é um mecanismo literário de elegância e sabedoria da voz narradora para tratar de um tema tão caro para as mulheres: a dominação masculina.

Os homens continuaram a ocupar um patamar hierárquico superior ao das mulheres. Se antes a diferença era uma questão de graus (sendo o homem a possibilidade de realização completa do ser humano e a mulher um homem em falta, subdesenvolvido), agora se compreendia que eram dois seres completamente diferentes. Os sentidos relacionados ao gênero também se enrijeceram e foram, em função da naturalização, compreendidos como sendo “essenciais”. (ZANELLO, 2018, p.177) (Grifos da autora)

Valeska Zanello defende que a soberania masculina se ancora primeiramente na ordem biológica e depois se apropria do essencialismo natural para estabelecer hierarquias em função das relações de gênero. Se observamos no conto em análise, é nítida esta hierarquização especular feita através da figura do homem quando coloca uma águia no galinheiro. O uso do artigo indefinido “um” deixa escapar da voz narradora a generalização natural em relação ao gênero masculino, o que não pode ser visto como uma atitude de representação inocente por parte de uma narrativa criada por Paulina Chiziane, uma vez que conta sempre as suas estórias do ponto visto feminino. Mais ainda, surge no conto a figura do biólogo:

Um biólogo passou por ali e exclamou:

- Uma águia na capoeira das galinhas?

- Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

- Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

- Esta? Nunca mais voará! (CHIZIANE, 2013, p.89)

O biólogo é colocado na narrativa como uma estratégia de mostrar a crítica ao machismo. Claramente, se enumera uma rede de ações que amplifica uma ideologia patriarcal naturalizada na figura do homem: *transformei-a em galinha, dono da capoeira, muito vaidoso, nunca mais voará*. O biológico vem confrontar paradoxalmente o posicionamento incoerente do homem em relação à natureza da águia: *Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus*. Ora, a narrativa critica metaforicamente o engessamento essencialista da diferença natural dos gêneros. O homem, além de se achar dono do galinheiro, comporta-se com um galo pretensioso e vaidoso capaz de reprimir uma águia. O biólogo representa a crítica feminista, porta pela qual se insere a voz de Paulina Chiziane, trazendo esta estória da tradição oral para ensinar que Moçambique é um país machista muito necessitado de evoluir e de aprender com as mulheres, as verdadeiras águias, as quais jamais vão reprimir a própria natureza feminina de transgredir e procriar a humanização do mundo com os mais altos voos.

Nos tempos antigos, os contos tradicionais fizeram parte da dinâmica cultural das sociedades africanas. Ouvir os mais velhos contadores de estórias, sentar à sombra das árvores sagradas e se embevecer com narrativas, cujos enredos e temáticas não separavam os homens da natureza, eram práticas fundamentais que, entretanto, hoje, estão se perdendo. (SECCO, 2007, p. 9)

Apropriando-se da tradição oral, Paulina Chiziane empodera a voz da mulher no conto “Mutola”. Concordamos com Carmen Tindó Secco (2007, p.9) quando a pesquisadora mostra a indissociabilidade entre homem e natureza como uma estratégia ancestral de contação de estórias, acrescentando que este modo de narrar é muito preservado pela autoria feminina moçambicana. Este projeto de escrita da tradição oral e ancestral perpassa toda a produção literária de Paulina Chiziane, a ponto de nos permitir considerar a escrita desta autora como uma consolidação da narrativa longa moçambicana que inscreve culturalmente toda uma moçambicanidade feita no feminino e projetada no exercício político de libertação da colonização de gênero, ainda tão insistente em tempos modernos.

A colonização consistiu em uma verdadeira cruzada espiritual que tinha como objetivo regulamentar o cotidiano das pessoas pela orientação ética, pela educação espiritual, além de exercer severa vigilância doutrinal e de costumes pela confissão, pelo sermão dominical e pelas devassas da Inquisição... (DEL PRIORE, 2011, p.22)

Reagir à colonização do pensamento, do comportamento e da existência é o foco da escrita de Paulina Chiziane. Como nos afirma Mary Del Priore, a colonização regulamenta, dita normas, estabelece a ordem da diferença, impõe costumes, obriga estereótipos sempre incompatíveis com as pluralidades culturais dos territórios invadidos. Quando, no conto “Mutola”, observamos o biólogo desafiar a ordem do dono do galinheiro, exaltando a natureza soberana da águia em relação à galinha, confirmamos que o feminino vence por meio da teimosia de existir.

O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais de três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

- Águia, águia, abre tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu, até desaparecer no horizonte.

As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade.

(CHIZIANE, 2013, p. 90)

O fragmento acima nos comprova o domínio de Paulina Chiziane sobre a astúcia do feminino. O biólogo, uma aparente personagem masculina, carrega um discurso de resistência plenamente feminino e preocupado com o lugar da águia; um ser que domina os céus com toda a realeza não pode viver limitado a uma existência opressora e divergente da sua natureza. O sol aparece como uma metáfora iluminante para quem a consciência crítica personificada no biólogo apela sobre o voo da águia, a qual atende o clamor e se dirige aos céus cumprindo da liberdade concedida pelas asas. A pureza e a naturalidade do voo rememoram o pensamento platônico sobre a força natural e ativa da alma universal.

A alma universal reage a matéria inanimada e se manifesta no universo de múltiplas formas. Quando é perfeita e alada, paira nas esperas e governa a ordem do cosmos. Mas quando perde as suas, decai através de espaços infinitos até consorciar a um sólido qualquer, e aí estabelece o seu pouso. Quando reveste a forma de corpo terrestre, este começa, graças a força que lhe comunica a alma, a mover-se. É a este conjunto de alma e de corpo que chamamos de ser vivo e mortal. (PLATÃO, 2003, p.83)

Não podemos esquecer que no conto “Mutola”, o homem se apossa de uma águia pequenina, coloca-a no galinheiro e a transforma em galinha. O que o homem em sua empáfia existencial não percebe é a natureza da existência interna da águia e o poder de suas asas. As asas platônicas referendam uma forma de existência da alma universal. Por isso que insistimos em afirmar a “malícia” de Paulina Chiziane em construir um conto sobre uma personalidade feminina como Mutola e alegorizar as virtudes da mesma através do comportamento da águia. O corpo de Mutola é habitado pela realeza soberana da águia, a qual imortaliza a transgressão feminina desta esportista.

Ninguém conseguiu entender muito bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino. Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar. Ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional, no que toca a igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque, nas leis do futebol, se esqueceram que este desporto era santuário exclusivo dos homens. Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!... (CHIZIANE, 2013, p. 91-92)

Neste fragmento, podemos constatar a ordem machista que perpassa as travessias da narrativa. Mutola surpreende seu povo, quando entra para um time de futebol masculino. Contrariando as condutas das mulheres moçambicanas, Mutola não quer arrumar cabelos, usar saltos, vestidos, maquiagem, ou seja, preparar o corpo e disponibilizar para os homens. Mutola domina o santuário dos homens e os surpreende por meio do alvo que mais os fere: a força física, tão cara à virilidade masculina. Mutola, em uma partida de futebol, faz um gol e deixa atônitos todos os jogadores, os quais não sabem nem como comemorar, causando um mal estar nefasto para a masculinidade da equipe, o que faz o treinador, sensibilizado pela força do voo da águia chamada Mutola, demitir-se, admitindo o fracasso de uma equipe de homens incapazes de superar o valor da força de uma mulher.

– Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa carcarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela sim, tem muito valor. É uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me! (CHIZIANE, 2013, p.92-93)

Consolida-se no fragmento acima a metáfora bestial como uma estratégia literária de representação da problematização das relações de gênero expostas na estória de Mutola. Uma mulher que habita em seu corpo o espírito real de uma águia. O fracasso dos homens, personificados pelos jogadores de futebol e do treinador, é representado pela metáfora bestial da galinha, a qual vive sua submissão em um território limitado e naturalmente não trai as expectativas para as quais existe: bicar o chão e por ovos. Mutola não permanece na equipe por ser mulher e sofre os dilemas de ser superior às forças dos homens, os quais a expulsam de um santuário convencionalmente dominado por eles. As mulheres submissas se felicitam com a temporária exclusão de Mutola em relação à realização dos seus sonhos, só que a vontade de voar extrapola os limites do próprio corpo da atleta.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse:

– Menina, tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses.

Na altura ela não percebe nada.

Então, o homem a levou para longe da equipa e disse:

– Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre tuas asas e voa! (CHIZIANE, 2013, p. 93)



Fechando o ciclo da narrativa, sabiamente, Paulina Chiziane mostra como Mutola, associada à águia, supera a repressão machista e, ouvindo a voz da consciência, se apodera das asas de ouro e voa para a liberdade e para o sucesso, sem mais temer ou sofrer pelos preconceitos patriarcais alimentados por um machismo sobrevivente ao olhar colonizado de homens e mulheres que são incapazes de se permitir voar em igual latitude e longitude.

### Últimas considerações

Paulina Chiziane nos chama a atenção para os verbos “ser” e “ter” em fala de agradecimento à homenagem recebida – e merecida – na Feira do Livro de Maputo, no período de 22 a 24 de Outubro de 2020. A escritora afirma que exercita a humanidade por meio das palavras, as quais são minimizadoras de quaisquer fronteiras. Quando nos conta a estória de Mutola, Chiziane reforça o poder dos verbos “ser” e “ter”. Maria de Lurdes Mutola é uma mulher transgressora e tem o espírito de perseverança. O clube de futebol Águia de Ouro perdeu a verdadeira águia quando por decreto a afastou do time de futebol. A vontade de voar alto fez Mutola torna-se atleta e não uma galinha, como nos conta Paulina Chiziane. As pessoas são e têm o poder de voar como águias.

O conto de Paulina Chiziane se moçambicaniza no feminino, quando a referida escrita recupera a tradição oral dos ancestrais e a transforma em uma narrativa moderna totalmente discrepante dos moldes estéticos e ideológicos propostos por uma cultura ocidental imposta como forma de escrita. Para além disso, Chiziane faz de sua literatura um espaço colecionador de mensagens de esperança, de liberdade e de perseverança. A metáfora bestial da águia e da galinha funciona como uma crítica direta ao bicho-homem, o qual ainda precisa muito se humanizar para melhor se entender.

Maria de Lurdes Mutola e Paulina Chiziane são mulheres que mapeiam Moçambique pela força de superação das mulheres. Aquela usa o corpo como armadura alada de superação; esta, com a pena na mão, constrói um mundo possível onde o respeito às diferenças de raça, classe e gênero se agregam pela soma da multiplicidade cultural que colore a existência humana.

## **Referências**

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

\_\_\_\_\_. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

ECKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

PLATÃO. **Fedro**. *São Paulo*: Martin Claret, 2003.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Entre fábulas e alegorias: ensaios sobre Literatura Infantil em Angola e Moçambique**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.